

**xs culpadx**



# **xs culpadx**

**carlos canhameiro**

1ª edição

2021

**MIREVEJA**  
EDITORA



*Será que tentei tudo, esmiucei  
por toda parte, sorrateiramente,  
escutando com paciência, sem  
fazer barulho? Estou falando  
sério, como de costume, queria  
ter certeza de que fiz tudo, antes  
de me ausentar e desistir.*

**S. Beckett**



# **a palavra é o porrete da indignação**

silvana garcia

Há textos que fazem arder os olhos: a dramaturgia de Carlos Canhameiro estaria no rol desses textos. Sua picância exala menos dos temas que aborda e mais da rispidez das palavras, da falta de pudor, da impaciência com que são arquitetadas. Não que seus assuntos sejam confortáveis: eles configuram mundos distópicos, sociedades disfuncionais nas quais as pessoas transitam sem que os afetos estabeleçam vínculos, sem que haja consolo ou conciliação para as perdas e culpas.

Não é difícil detectar em suas peças temas recorrentes: a família, em especial a condição dos filhos, Deus e as religiões, o sistema político e suas tenazes – todos assuntos em torno dos quais podem ser erigidas tramas complexas. São como que pretextos para justificar longos mergulhos nas iniquidades – eis uma palavra que Canhameiro usa com frequência – dos poderosos. Mas não apenas os alvos fáceis de sempre: todos nós, inclusive o dramaturgo, nos vemos implicados nessas vilanias. Nada parece escapar de sua metralhadora giratória e, como é há muito sabido, a forma dramática não dá conta desses territórios tão extensos.

Daí que sua escrita seja híbrida – o dramaturgo parece suspeitar desse termo, mas eu o prefiro em lugar de épico –, uma mistura de diálogos, depoimentos, comentários, narrações que se sobrepõem, às vezes se atropelam em contradição, ou se complementam em insistentes reiteraões, mas que, ao final, refletem sempre uma mente, a do dramaturgo, que busca e duvida.

A atualidade dramática constitui uma âncora temática para suas peças: em *Concílio da Destruição*, por exemplo, é uma disputa para selecionar cinco



obras-primas que representarão, para a posteridade, a arte produzida por aquela sociedade, tendo como pano de fundo a polêmica acerca da obra *Humanidade rota*; em *ANTIdeus*, é um decreto presidencial que cancela todos os feriados religiosos; em *xs culpadx*s, são situações que precedem e sucedem o massacre de uma família acusada de contaminar a vizinhança com um vírus fatal. Os momentos em forma dialógica não obedecem a uma cronologia nem têm necessariamente entre si relação causal, como no cânone dramático, mas recorram situações que, vistas do alto, circunscrevem com justeza o que interessa ser apresentado. Nem sempre o foco é único: em *Concílio da Destruição*, em paralelo às cenas que discutem a escolha das obras, é trazido à baila o indigesto tema da tortura de mulheres militantes da oposição, e a adoção clandestina de suas crianças por militares.

Além de os diálogos situarem os elementos que estão em jogo, Canhameiro molda longos trechos em formato de debates filosóficos, ou mesmo arremedos destes. Muitas dessas “conversas” soam estranhas, em que pese a naturalidade doméstica com que são travadas. Elas estão longe de serem corriqueiras: frequentemente, são espaço para disputas

que deslizam sem travas de um tema a outro, afiguram-se mais como provocações do que diálogo, e não raras vezes detêm-se em escancarar insultos e blasfêmias. Os temas debatidos dessa forma dispersa não constituem argumentos, não constroem um discurso coerente, mas nem por isso suas razões passam despercebidas ou deixam de fazer sentido – como é o caso do longo trecho de *ANTIdeus* no qual figuras improváveis discutem com igual desenvoltura Deus, sexualidade e um provável assassinato do presidente. Como sempre, religião e política imbricadas, com irreverência quase obscena.

Aliás, irreverência e humor ácido são constituintes estruturais da dramaturgia de Canhameiro e favorecem o jogo de contrastes que nivela no mesmo plano o profano e o sagrado, o alto e o baixo. Assim, o enunciado nietzschiano “Deus está morto” vira uma acalorada disputa de *posts* numa rede social, e um longo monólogo, no qual Deus e o orifício anal se conjugam de muitos modos, finaliza com o *hit* jovem dos anos 1960 “Estúpido cupido”, cantado por atores e atrizes.

É preciso assinalar, mesmo não cabendo desenvolver aqui o tópico, que o dramaturgo e o diretor

andam juntos, já que, como no exemplo acima, as encenações de Canhameiro complementam aquilo que não está explícito na escrita: em *ANTIdeus*, durante toda a primeira parte, as figuras debatem assuntos polêmicos e defendem pontos de vista conflitantes vestindo figurinos improváveis, como a mistura de camisa de jogador de futebol e hábito de freira, ou a *kipá* combinada à nudez da cintura pra baixo.

As figuras fluidas moldadas por Canhameiro - creio que o termo figura seja mais adequado do que personagens - são construídas segundo os mesmos princípios que conduzem a dramaturgia. Compostas por colagem, são resultado combinatório dos discursos, dos elementos que compõem suas aparências, das ações que perpetram, dos atores e atrizes que as sustentam. Não conseguimos enquadrá-las muito bem, e quase sempre suas motivações são explicitadas em falas diretas, reveladoras: estão mais próximas dos *comics* e mais distantes das “cópias substanciais de um ser” (a formulação é de Anne Ubersfeld).

O contraponto como modo de dar contorno aos pontos de vista e realçar as contradições também

está posto na forma combinada entre diálogos e blocos narrativos. Os comentários se sucedem, muitas vezes como longos discursos, outras vezes sob formas mais organizadas, como apontamentos sobre a cena. São reiterações que têm o sentido de explicitar, insistir, esgarçar o que já está entendido, ou, então, confundir, expor a contradição dos falantes.

Em *xs culpaxs*, o dramaturgo leva essa sobreposição textual ao extremo: a cada cena, depois do diálogo de abertura, dá-se uma sequência de intervenções que se denominam “comentário sobre a cena”, “comentário sobre comentário sobre a cena”, “comentário indeterminado”, “comentário indiscriminado”, e por aí segue. Essas camadas narrativas revelam não apenas uma dramaturgia que pretende explicitar suas contradições, mas uma dramaturgia que põe em dúvida a si mesma; não apenas retificam a percepção do evento ocorrido, mas põem em xeque a própria forma dramática. Por isso, aqui, e em grande parte de sua dramaturgia, ao abrir essa plataforma metalinguística, Canhameiro traz para o centro do debate o próprio fazer artístico.

Esse tema é recorrente em suas obras. Em *Concílio da Destruição*, a discussão sobre arte é a própria

medula da peça, numa sociedade distópica que não consegue absorver suas criações e que precisa destruir as obras de arte, restringir o espaço de criação, neutralizar esse elemento desestabilizador para se manter imutável.

Em *xs culpadx*s, duas vozes se alternam: um, na proposição da cena dramática; o outro, na crítica feroz ao modelo. O contraditor chega a oferecer uma alternativa no modo narrativo para a cena que acabou de gerar, buscando romper com os “ditames da verossimilhança”, e, ainda, vocifera contra a “velha armadilha da *tranche de vie*” e até de seu suposto e natural antídoto: “A vida não é uma fatia e mesmo o pão inteiro não é o resumo de uma padaria. E sua forma épica tampouco consegue fugir de juízos óbvios e de baixa complexidade...”. O dramaturgo revela sua impotência – ele chega a reclamar de sua indigência criativa – e neutraliza a si mesmo; monta sua própria armadilha e não tem como escapar.

*xs culpadx* é peça escrita no olho do furacão da pandemia. Nós, brasileiros, logo nos demos conta de que essa onda pandêmica era apenas a ponta do *iceberg*. Nós, artistas brasileiros, apanhados de surpresa pelo “novo normal”, caímos “na real”

e nos questionamos, às vezes de forma dolorosa: como a arte poderia dar conta de tudo isso?

A escolha de Canhameiro em *xs culpaxs* é falar de sentimentos que são centrais nessa crise, em especial o medo, o medo do desconhecido que aciona paranoias, preconceitos, irracionalidade. E sobre a indiferença, o “vida que segue”.

Canhameiro deslocou a crise para o passado, para propor distanciamento crítico. Isso impõe a questão: de onde ele fala? Qual é o presente que lhe serve de mirante? Arrisco dizer que é o momento de ira e confusão que ele estabelece ao desembalarhar o tempo da peça em várias camadas, e que é também um desembalarhar de si, já que, embora ecoando várias vozes, ele é um mesmo.

Há nesse desdobramento e nesse ímpeto algo da inflação expressionista. Canhameiro tem o prazer da desmedida, o “gostinho pela desmesura”, como diria uma personagem de Lagarce. Na outra ponta, esse atributo revela nele indícios de um furor anárquico que lembra Dadá. Com manifesto e tudo. Chutar o balde e a pontuação, empurrar tudo e todos para um beco sem saída.

Olhando sua obra, que já é extensa e complexa, Canhameiro parece regurgitar sob forma de dolorosos questionamentos, de insultos e blasfêmias todas as iniquidades (crimes, pecados, injustiças) que testemunha. Há muita leitura por detrás: Nietzsche, com certeza, mas também Thomas Mann, Bauman, Simone de Beauvoir, Judith Butler, a Bíblia... Canhameiro é antenado no mundo e, por isso, não é simples falar de sua obra, não há sinopse possível porque sempre serão redutoras e deixarão o principal de fora. É também impraticável tocar uma de suas peças sem mencionar as outras, e sem se deslocar da página escrita para o palco. (É neste momento que a autora deste texto também revela e lamenta sua insuficiência analítica.)

É muita coisa para dar conta e só me resta indicar pistas. Escolho as que são deixadas nos momentos finais da peça, em uma última reflexão sobre arte e no descortinar de intimidade quando o autor revela detalhes de sua última sessão de terapia. (Alerta para quem ainda não leu a peça: vai ter *spoiler!*) A arte deve estar mergulhada em seu tempo histórico para ser engajada ou deve se afastar dele para não ser só cópia (aparência)? Que qualificativos a arte,

sujeito da frase, consegue suportar? Por extensão: que sinceridade podemos exigir do criador? Isso é, de fato, um valor? A autoficção confere autenticidade à vida vivida? E as prospecções sobre o futuro? Estamos condenados a ser vanguarda? Ou vamos serenar a consciência e nos dar alta, já que ninguém sabe como será o futuro e ainda estamos tentando aprender como dissipar a névoa que encobre o presente e esconde o passado?

*(Pausa)*

Fazer o quê?

(Canhameiro, entra ou não a música dos Titãs antes do letreiro de FIM?)

São Paulo, 11 de novembro de 2021.

SILVANA GARCIA é pesquisadora, dramaturga, dramaturgista e diretora de teatro; professora da Escola de Arte Dramática (EAD/ECA/USP); diretora do coletivo Lasnoias & Cia.







# cena 1

**28 de abril de 1988**

Os três filhos estão vivos?

Não. O mais velho também morreu.

Morreu ou foi morto?

Qual a importância agora?

Os pais foram mortos... São dois assassinatos. O filho morreu ou foi assassinado?

Os pais eram assassinos...

Isso não muda a investigação.

Ok. O filho também foi, como você diz, assassinado.

Ele foi testado?

Os legistas disseram que não era possível aplicar o teste com o que sobrou do corpo.

Nem os pais foram testados... Ou seja...

É perigoso esse caminho que você está tomando.

A justiça nunca andou por caminhos tranquilos.

As pessoas ainda não arrefeceram os ânimos.  
Cuidado, só digo isso.

Onde estão os outros dois filhos?

No hospital. A menina isolada, os médicos estão...  
Cuidando dela...

Estão...?

Não estão deixando ela morrer, já é alguma coisa.

Carniceiros.

Você agiria diferente?

É uma criança, caralho.

É... Por isso está isolada e recebendo o tratamento adequado.

Ela foi testada?

Foi...

E...

Deu negativo.

Então por que está isolada?

Para não sofrer de outras causas... E estamos esperando a contraprova.

E o menino?

Está preso.

Para a segurança dele, suponho.

Ao menos está recebendo comida e tem uma cela privativa. Está seguro.

Quantos anos ele tem?

Onze.

E a menina?

Seis.

E você acredita que a justiça está operando...

O que eu acredito pouco importa. Os dois estão vivos e isolados.

Senão estariam mortos...

Possivelmente... Visito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me odeiam.

O filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai, a iniquidade do filho.

Os pais já foram condenados.

Sem provas. Sem julgamento. Sem direito a defesa... Todo esse processo é um escárnio...

Vivemos tempos difíceis... A nossa justiça não está no mesmo ritmo.

E contabilizamos os mortos em qual compasso?

Você fala como se não houvesse qualquer responsabilidade dos mortos.

Eles sequer conseguiram se defender, se bem entendi o que aconteceu... A responsabilidade deles já não pode ser aferida.

Você acredita que eles eram inocentes?

Eu ainda acredito na justiça.

## **Uma decisão difícil**

*Vera Cardoso*

*Artigo publicado em jornal de circulação nacional no dia  
15 de novembro de 1987*

Vivemos tempos de incertezas, não se trata de novidade. Não nos parece que o óbvio esteja em alta nas apostas ou nas cotações da bolsa. Nossa fé nas ciências, mesmo nas humanas, nunca esteve tão fragilizada. Não é de se estranhar, afinal, não foram poucas as vezes em que o fim dos tempos foi anunciado pelos pesquisadores das mais diferentes áreas: saúde, economia, ecologia, entre outras. Não era o caso de atirar no mensageiro, mas tampouco podemos fechar os olhos para tamanho fracasso das previsões, deixando a concorrência com Nostradamus ou similares quase empatada.

Não, meus leitores, o mundo não acabou, a água não ficou escassa (não no nosso país) e o êxodo de milhões de pessoas não aconteceu em nossa cidade. As doenças fatais matam na mesma medida que outras que quase nunca frequentam as manchetes dos jornais. O colapso econômico não ocorreu e o capitalismo, a despeito do fim da história, segue como melhor sistema social para a maioria



das pessoas no mundo. As florestas não desapareceram e a extinção de alguns animais não está fora da curva prevista e apontada pelos mesmos cientistas que agem agora como Cassandras agourentas. Definitivamente, não pioramos, e isso é provado por qualquer ângulo do qual se queira ver a questão: vivemos mais, melhor e morremos menos de guerras, de doenças tolas ou vítimas de genocídios. Hoje temos mais acesso às artes, às culturas estrangeiras, aos pensamentos clássicos, modernos e contemporâneos como nunca antes na nossa história. Temos muito a melhorar, não resta dúvida sobre isso: ainda temos desigualdades de classe, raça e gênero. Claro que alguns poucos lugares no mundo precisam alcançar o patamar civilizatório que apontei acima. Chegaremos lá, não há razão para desespero. Cada povo com o seu tempo, cada periferia com a sua luta.

Então, não é o momento de ouvir apenas a ciência e suas previsões novamente escatológicas. Sim, precisamos nos resguardar e cuidar daqueles que podem estar mais próximos dos riscos apontados pelos infectologistas. Somos responsáveis e somos ADULTOS. Perdoem as maiúsculas, mas são necessárias. Há muito deixamos de agir como

crianças inconsequentes e irresponsáveis. Somos liberais, temos o direito de ir e vir e nenhum governante ou Estado pode nos impedir disso. Parece básico, mas nesses tempos, como afirmei acima, o óbvio anda desacreditado. Cuidem de si e respeitem o outro, inclusive nas decisões que podem trazer danos a ele próprio, afinal, a liberdade é também permitir que o contrário do que sou e acredito exista.

É uma decisão difícil, mas, diante do que estamos vivendo, insisto: escolham a liberdade de seus atos e seus juízos pessoais em vez de se prender às restrições impostas pelos cientistas, e por alguns políticos, nesse momento. Se me for possível um auspício, sairemos dessa jornada melhor do que entramos. Especialmente se preservarmos as nossas liberdades individuais.

## **cena 2**

**22 de fevereiro de 1988**

Alô, gostaria de falar com a senhora Rodrigues Albuquerque.

É ela.

Olá, senhora Rodrigues Albuquerque, quem está falando é Simone Pereira, trabalho na secretaria da escola Santos Dumont. Como a senhora tem passado?

Por favor, Simone, vá direto ao assunto.

Claro. Eu não sei o quanto a senhora está informada sobre as condições atuais da epidemia anunciada pela Organização Mundial da Saúde.

Estou tão informada como todo mundo.

Muito bem. Estou ligando para avisar que a partir da semana que vem nossas atividades escolares estarão suspensas, então...

Isso é um absurdo. É uma epidemia, como tantas outras que já passamos...

Eu entendo a frustração que a senhora está sentindo, senhora Santos Miranda.

Simone, me chame de Ivete. Ivete, tudo bem?

Claro, senhora Ivete. Eu dizia que entendo a frustração da...

Não é isso que estou sentindo. Meus três filhos estudam nessa escola, todos desde o jardim da infância. E, agora, de uma hora para outra, a

escola decide suspender as atividades por causa de algo ainda absolutamente incerto...

Eu entendo, senhora Ivete.

Ivete.

Ivete, claro. Nossa escola tem mais de vinte anos e nesse momento temos mais de setecentos alunos matriculados nas mais diferentes turmas...

Vocês estão ligando para todos os pais?

Sim. Para cada família. Queremos avisar todos os pais ainda no começo dessa semana para que possam se preparar da melhor maneira possível para as próximas semanas...

Próximas semanas? Por quanto tempo as atividades serão suspensas.

Estamos prevendo entre quinze e trinta dias. Depende das novas determinações governamentais...

Trinta dias?

No pior dos quadros, senhora... Desculpe, Ivete.

Trinta dias com os meus filhos em casa?

Eu lamento o inconveniente, Ivete, mas entendemos que essa é a melhor atitude diante do quadro que se apresenta.

Melhor para quem? Haverá desconto no valor da mensalidade?

Em relação aos pagamentos, Ivete, na semana que vem iniciaremos uma segunda série de telefonemas para atender as situações de cada família.

Não posso pagar para ter os meus filhos em casa. Eu trabalho...

Entendo. É uma situação excepcional...

E o conteúdo das aulas? Como irão repor essas aulas perdidas?

Não se preocupe, estamos discutindo medidas pedagógicas possíveis para esse período. Provavelmente haverá reposições no período das férias...

Mas isso é uma catástrofe... Nós temos uma viagem agendada para visitar os meus pais em outro estado... Já está tudo certo.

Entendo. São muitos inconvenientes, mas nada ainda está definido. Seguiremos em contato.

Mas essa semana eles ainda podem ir para a escola, certo?

Se a senhora puder evitar...

Eu não posso.

**xxx**

### **comentário sobre a cena 2**

o artifício do diálogo travado entre uma mãe e uma funcionária da escola Santos Dumont poderia muito bem ser suprimido ou ter participado com uma outra forma de exposição mais sucinta e livre de

filigranas dramáticas cujo intuito não parece ser outro do que tentar convencer x leitorx do caráter pouco materno da senhora rodrigues albuquerque ou pelo menos pouco generoso ou bastante auto-centrado E ao mesmo tempo expor a preocupação profissional da funcionária Além claro de a cena tentar se entregar aos ditames da verossimilhança Talvez fosse necessário verificar se a simples enunciação abaixo não cumpriria papel melhor para o desenvolvimento da situação

Nas semanas que antecederam o ápice da epidemia (o que futuramente se revelaria uma pandemia sem precedentes históricos), as escolas tiveram que cancelar todas as atividades curriculares. Em pouco tempo algumas dessas escolas viriam mesmo a servir de hospitais improvisados. Os aparelhos públicos de ensino fecharam as portas e seus funcionários e professores foram dispensados sem maiores percalços. Os alunos e seus pais foram informados e nada puderam fazer. E, malgrado o intento, qualquer reação poderia causar danos ainda maiores. As escolas particulares, não muitas à época, porém com público



seleto, enfrentaram a fúria dos consumidores. Pais revoltados com a decisão nada liberal dos mantenedores ameaçaram (e muitos cumpriram) não efetuar os pagamentos das mensalidades atuais e futuras. O medo desses pais de terem os seus filhos e filhas em casa, o tempo todo, e se tornarem efetivamente pais durante vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, os assustava mais do que a perda dos rendimentos de suas ações.

**xxx**

### **comentário sobre o comentário sobre a cena 2**

ainda que a cena seja prosaica e queira em sua estrutura demonstrar a reação de uma classe circunscrita na figura da mãe ela falha miseravelmente em seu intento e recai na velha armadilha da *tranche de vie* A vida não é uma fatia e mesmo o pão inteiro não é o resumo de uma padaria E sua forma épica tampouco consegue fugir de juízos óbvios e de baixa complexidade sobre uma classe de pessoas E dois comentários sobre uma cena corriqueira não representam melhor solução para o caso Claro que ambos poderiam ser suprimidos mas a vida não é uma supressão de sua complexidade ao contrário

é justamente sua complexização até o insuportável um último adendo xs historiadorxs do futuro decidirão escutar as pessoas que eram crianças na época do fechamento das escolas e numa amostragem até certo ponto questionável para os padrões científicos internacionais chegarão à conclusão de que mais de sessenta e três por cento delas prefeririam ter ficado nas escolas do que com os pais mães ou familiares

**xxx**

### **comentário indeterminado**

a neurose atual em que o terrorismo passa a ser focado na pessoa ou seja cada uma podendo ser uma potencial arma biológica inclusive cujo paroxismo não necessariamente surpreendente seja a pessoa desconfiar de si própria Sou eu uma bomba-relógio ou não Essa neurose paira no ar

**Transcrição de ligação recebida pela polícia militar (190) no dia 6 de março de 1988**

*Nota: havia poucas cidades que dispunham de sistema de gravação para as chamadas 190. A conservação das minifitas cassetes também não primava pela excelência.*

18:43

Polícia militar, emergência, em que posso ajudar?

[inaudível]

Polícia militar, alguém na linha?

[ruídos indistintos Vozes]

Essa ligação será encerrada.

Alô

Polícia militar.

Meu pai

Você precisa de ajuda? Seu pai está bem?

Ele está batendo [ruído indistinto Grito]

Quem está falando?

Felipe

Felipe, o que está acontecendo?

Meu pai [grito] Ele vai me [voz inaudível]

Felipe, você precisa falar mais alto, não consigo te escutar. Onde você está?

Em casa Meu pai não pode saber [grito É possível identificar outra voz]

Quantos anos você tem, Felipe?

Oito

O que está acontecendo?

Meu pai bateu no meu irmão Ele está sangrando [grito Outra voz chama "Felipe"]

Sua mãe está em casa?

Ela está no banheiro

Você consegue chamá-la?

Ela está [ruído Voz inaudível]

Felipe, você pode chamar a sua mãe?

Ela está no banheiro Minha irmã está lá

Onde você mora?

Na rua Eu não sei falar o nome da nossa rua É rua  
[nome indecifrável]

Você pode repetir?

[grito]

Felipe?

Ele vai me achar

Você consegue ir para o banheiro com a sua mãe?  
Mas ela está batendo na minha irmã [grito Voz masculina diz “O que você está fazendo aí” “Com quem você está falando”]

Felipe? Você pode me ouvir?

Eu não fiz nada pai [voz mais distante] Eu [grito]  
Me solta Não Pai Não

Felipe?

[gritos e ruídos indistintos É possível identificar uma respiração ofegante gritos de uma criança e ruídos ritmados semelhantes a chicotadas ou objeto similar As falas são inaudíveis O choro se distancia Som abafado]

Felipe? Alguém está me ouvindo? Alguém? Essa ligação será encerrada.

# cena 3

**20 de março de 1988**

Eu não posso abandonar tudo. Simplesmente não é possível.

Não existe mais TUDO. O que falta ainda acontecer para você enxergar isso?

Foda-se o mundo. O mundo não é a minha vida, o meu trabalho, a minha casa... Nunca foi. Isso aqui é real, entende? O resto é parte de uma ficção da qual não tenho controle nenhum... Nem eu, nem você.

E os nossos filhos?

O que tem eles?

Não merecem uma outra opção do que viver aqui dentro, esperando a mãe terminar o trabalho?

O trabalho que ajuda a sustentar essa casa... Ou seja, eles inclusive.

Você prefere ficar aqui?

Prefiro. Ainda que odeie trabalhar de casa. Não quero me enfiar numa cidadezinha do interior, numa casa em que eu não piso há... Sei lá, quando foi a última vez que estivemos por lá? Só para ter um pouco de mais de espaço e sol na cara. Não, obrigado.

Não é a opinião dos nossos filhos.

Foda-se a opinião deles, meu amor. Eles agora colocam dinheiro em casa, comida na mesa, cartucho novo no videogame?

Você não prefere gritar para que eles saibam o que mãe deles pensa nesse momento?



Eles sabem, eles conhecem a mãe deles e não me parecem tristes com isso. Você está?

Estou triste pelo momento que estamos vivendo...

Então chora, meu amor. Chora. Ajuda. Tudo parece novo, mas é tudo meio o que sempre foi. Quando tivermos meio bilhão de mortos talvez eu reveja meus valores...

Você diz isso a sério?

Um pouco sim, amor. Um pouco sim. Eu não sou desumana e sei que as pessoas estão morrendo. E sei que seus pais podem morrer e o meus também poderiam... Espertos eles, indo embora antes! Tá bom, parei. Nossos filhos estão ótimos, saudáveis, comendo do bom e do melhor... É chato ficar em casa? É. Mas é o que temos... Eu corro mais risco aqui em casa dado o meu quadro, mas tudo bem...

Tudo bem?

Tudo. Por que você quer sair? Tá, ar livre, já entendi... Se afastar, espaço, essas coisas que você ama... Mas nós já temos tantas plantas no nosso apartamento, não dá para quebrar o galho?

Seus filhos não estão bem... Você sabe. Não tem espaço e não tem o que fazer...

Tem gente em situação bem, bem pior do que a nossa. Sejam menos hipócritas, meu amor.

Eu não entendo, se temos a possibilidade de sair daqui, por que você quer ficar?

Porque eu não quero ir. Não sei se vou conseguir trabalhar de lá... O ar livre não é a minha droga favorita e... Você sabe disso, nossos filhos vão adorar o mato durante dois dias, no terceiro vão pedir um joguinho novo do videogame ou sei lá quantos filmes na locadora ou o caralho a quatro. Daí quero ver...

Podemos ouvir o que eles têm a dizer sobre isso, não?

Não. Nós decidimos. Era o que me faltava. E...  
Outra coisa, você que está tão preocupado com a situação não está levando em consideração que podemos levar o problema para o interior? Lá não tem nenhum caso...

Agora você quer usar a gravidade da situação contra a minha proposta?

Só estou sendo racional.

Mas você está se lixando para os mortos...

Não disse isso. Eu só não consigo ser tão... Sei lá... Humanista como você e alguns outros... Ah, toda a vida humana importa... Mentira. Não morreram ainda nem cem mil pessoas... No mundo TODO. Porra, até os alemães foram mais eficientes...

Você é inacreditável...

Humor, meu amor. Humor... Rima e necessidade... Um comentário inofensivo entre duas pessoas que se amam... Eu não coloquei num outdoor... Eu

não matei nenhum judeu e não espalhei ainda a doença para ninguém...

Vamos?

Não quero. Talvez daqui um mês.

Talvez não possamos mais sair da cidade...

Você é engraçado como pessimista. Parece que não combina muito com a sua aura.

Vamos?

Eu vou precisar falar no meu trabalho... Meu chefe... E eu teria que voltar pelo menos uma vez por semana...

Você não consegue ficar um intervalo maior?

Não sei... Eu pego a contabilidade por semana... Você precisa ter certeza de que existe pelo menos telefone na casa... Ainda existe essa casa?

Existe.

E ninguém da sua família vai usar?

Eles estão com medo de viajar...

Sensatos! Com quem então vamos pegar as chaves?

Os vizinhos têm uma cópia, meu tio já ligou avisando.

Já está tudo acertado então... E minha opinião...

Eu não vou se você insistir em ficar... Por isso estamos conversando. Mas pelo visto vou ter que esperar seis milhões de mortos para você se sensibilizar.

Gosto assim. HUMOR!

Seus filhos também querem ir.

Você já armou tudo, é isso? E me fez assumir o papel da megera.

Esse você já ganhou faz tempo...

Ui... Paizão da porra. Eu, hoje, não quero ir... E não posso. Me dê uma semana, no mínimo.

Se endurecer a quarentena...

Tem horas que eu acho que você esquece o país onde vivemos... As estradas estarão funcionando... Você precisa parar de ler jornal de bairro...

Não vou discutir isso. Aviso os seus filhos?

Não. Eles vão querer me pressionar e não quero mais essa carga no meu dia. Vai estocar comida... Lá tem geladeira, certo?

Prioridades.

**xxx**

### **comentários ou apontamentos sobre a cena 3**

são necessários alguns apontamentos não só sobre a cena acima da discussão do casal como talvez sobre todas as outras que permearão essa peça. Necessários provavelmente não seja a palavra mais adequada. Não é o mais importante agora. É evidente que o diálogo acima foi conduzido de

maneira minimamente lógica e se desenvolveu de tal modo que não resta muito a ser acrescentado pelx expectdxr Lugar onde reside o pior do drama A ideia de que essas fatias de vida são suficientes como metáfora lição de vida ou estrutura de relações enfim Não são e provavelmente isso também seja bastante óbvio É ficção Representação e a partir dela podemos quem sabe assumir para nós mesmxx certo alívio e conforto em relação às narrativas e não nos preocupar com meandros da verossimilhança ou conexões mais profundas com as inúmeras subjetividades que envolvem dois seres humanos conversando Há o poder das narrativas sem dúvida e esse poder move grande parte do imaginário e das relações com a própria vida É uma metáfora e ela nos dá outra forma de encarar uma cornucópia de problemas que enfrentamos no dia a dia Ou pior Nos redime de agir para mudarmos certa situação A situação é imutável e ao tomar conhecimento dela e da sua suposta imutabilidade refresco a alma e purgo uma culpa estrangeira Mas nada disso ainda pode ser dito especialmente da conversa do casal A esposa talvez não esteja atuando nos moldes costumeiros da mulher mãe trabalhadora e muito provavelmente isso pode ser

condenado pelas arcautas da coesão ou algo nessa linha Há nesses apontamentos um caminho de autoficção terrível e provavelmente toda autoficção seja terrível e essa autocrítica forçada talvez revele mais sobre o autor do que a própria cena do casal E o que poderia ser pior do que o drama que conforta a alma da inação Acreditar numa tal força épica que poderia fazer do espectador um novo soldado do exército das transformações históricas Qual tomada de consciência se pode desejar ao escrever literatura Sobre o cinismo que se infiltra no meio dessas palavras não há muito por que negá-lo Seria menos cínico tentar recusá-lo Ou seria melhor para o leitor perceber por si mesmo esse mecanismo e se sentir mais participe dele ou mais inteligente que o próprio texto e por consequência que o próprio escritor Há algo maior que move o autor e quem se importa Não era esse o caminho imaginado para esse apontamento mas há uma força que provém das palavras um desejo de se unirem à revelia do que anseia o próprio autor Será mais crível esse tipo de formulação Voltemos às fatias de vida expostas em pequenos diálogos e situações para que talvez dessa colcha de retalhos possamos confortar nossas almas Para isso será preciso além



de manter a fé no drama render igual devoção à existência de almas Não termina aqui

**xxx**

**comentário sobre o não apontamento sobre a cena 3**

registro apenas minha insatisfação com esse recurso e especialmente com o que está escrito acima Não há acréscimo de nenhuma espécie e esse comentário revela ainda mais a indigência criativa que atinge o autor Há um cadafalso debaixo do cadafalso mas é inútil para quem será enforcado no primeiro cadafalso

## **atos de investigação**

*declaração na fase inquisitorial*

*depoimento da testemunha única [nome encoberto] tomado no dia 5 de maio de 1988 pelo delegado [nome encoberto] no 2<sup>o</sup> DP [nome encoberto]*

Para constar, deixo claro que a testemunha, no tocante à presença de um advogado, preferiu comparecer sozinha ao 2<sup>o</sup> DP. Isto posto, vamos dar início ao inquérito. O nome completo da senhora?

[nome encoberto]

Idade?

[idade encoberta]

A senhora sabe o número do seu RG e/ou CPF?

Não de cabeça.

Tudo bem. Depois a senhora informa. Endereço?

[endereço encoberto]

A senhora vive nesse endereço há quanto tempo?

Vinte e cinco anos.

Mora sozinha?

Eu, minha mãe e meus seis filhos.

Seu marido?

Foi embora faz cinco anos.

A senhora pode contar o que aconteceu no dia três de abril de 1988?

Foi o dia que eles chegaram?

Isso. É o dia que a senhora disse que eles foram na sua casa, não é isso?

Tá certo. Seu [nome encoberto] me ligou um dia antes, não lembro direito. Ou no mesmo dia. Disse que ia chegar no dia... Qual mesmo o dia que o senhor falou?

Três de abril.

Tá certo. Era domingo de Páscoa. Ele ia chegar no final da tarde e pegar a chave da casa comigo.

Por que a senhora tinha a chave da casa do sítio dele?

Ah, não, o sítio é da família dele... Dos pais dele e dos tios... Era herança do avô. Tá... E como eles não tinham caseiro a gente ficava com uma chave reserva.

Por quê?

Uai, porque ajuda quando precisar.

A senhora tinha o costume de entrar na casa?

Na casa do sítio?

Isso.

Ah, sim. Pelo menos uma vez por semana, para abrir as janelas, deixar o ar entrar, para não estragar as coisas, né?

A senhora era paga por isso?

O quê?

Cuidar da casa.

Qual casa?

A do sítio.

Ah, não. Eu não cuidava da casa não, só abria as janelas, regava as plantas...

Mas por quê?

Por que o quê?

Por que a senhora fazia isso?

Uai, porque eu posso. Podia, né? O senhor não tem vizinho não?

Tá certo. A senhora tinha uma chave reserva da casa. E ele veio buscar no dia três de abril?

É o dia que o senhor falou, né?

Isso. Domingo de Páscoa.

Eles chegaram no final da tarde, já tava escuro.

E o que aconteceu?

Ele parou o carro na porta da minha casa... Eu já estava na janela... Eu andava meio gripada e queria pegar um ar...

A senhora estava gripada? Antes de se encontrar com ele?

Sim, uma gripezinha boba, acho que eu peguei sereno demais na procissão da Paixão...

Então ele pegou a chave com a senhora e foi embora?

Não. Esse é que é o problema, né? Ele desceu do carro, acenou a distância. Eu disse oi... Ele disse que não precisava chegar perto. Falou para eu jogar a chave de longe... Eu fiquei com medo da chave cair na grama, ou no mato, sei lá. Só tinha aquela cópia, vai que perdia.

Então a senhora abriu a porta e chegou perto dele?

Abri a porta e fiquei na soleira. Ele chegou mais perto, daí que deu tudo errado.

O que aconteceu?

A mais nova dele saiu do carro...

A filha mais nova? A [nome encoberto]?

Ela, tão lindinha, pecado. Ela abriu a porta do carro, a mãe gritou para ela voltar, mas ela correu e abraçou a minha perna... Tava com um pedaço de chocolate nas mãos... A boca toda suja...

A senhora conhecia a menina?

Mais ou menos, ela já tinha ido lá em casa e brincado com o meu mais novo... Mas isso já tinha mais de... Sei lá, meu mais novo tava com quatro anos... Num lembro, já tinha mais de três anos com certeza...

Então a filha mais nova deles saiu do carro e correu até a senhora e abraçou as suas pernas?

É... Acho que foi isso... Foi tão rápido, o senhor acha que mesmo assim?

Continue a história, senhora. O que eu acho não importa.

Tá... Ela me abraçou, o pai ficou um pouco aflito, eu passei a mão nos cabelos da menina... Tão bonitos... Daí ela tossiu um pouco... Acho que engasgou...

A senhora tem certeza de que a menina tossiu?

Sim, foi bem na hora que o pai pegou ela do meu colo... Ela tossiu mais um pouco... Ele pediu desculpas, eu disse que tava tudo bem. Ela não



parava de tossir... Eu acabei deixando a chave cair no chão... Ele pegou a chave. Agradeceu, disse tchau e foi embora.

A senhora tocou nele?

No pai? Não.

E foi tudo?

Não, a mãe ficou gritando com a menina, dava dó de ver... Acho até que ela deu uns dois tapas na menina quando ela entrou no carro. Fiquei com o coração apertado.

E eles entraram no sítio e a senhora não teve mais contato com nenhum deles?

Isso. Eles foram embora e ficaram na casa até acontecer tudo... Deus tenha piedade.

Por favor, depois a senhora relata essa parte. Segue com o que aconteceu depois.

Na segunda-feira meu filho mais velho começou a ter febre alta... Eu levei na dona [nome encoberto] para benzer... Mas ela disse que tava muito carregado, que tinha que comprar uma erva... Não lembro o nome... Ela disse para rezar para São Hugo antes dormir...

Tá certo. E seu filho ficou pior?

Piorou... E morreu quatro dias depois.

**xxx**

### **comentário indiscriminado**

é preciso parar com as certezas Não se trata de negar o caminho da ciência da filosofia da economia das políticas Não é negar a história Evidente que isso seria o atestado máximo de que a burrice é o nosso maior legado geracional Mas também não se pode afirmar que tudo está dado e que o mundo como se apresenta agora é somente esse e exatamente esse O que se apresenta é o processo dos saberes todos ou pelo menos parte dele com sua infinidade de vozes e contradições Num dos berços da filosofia ocidental se produziu um dos piores regimes políticos da história moderna O

que isso nos mostra Nada absolutamente nada E ocidente e oriente tampouco seja uma separação importante A razão e as certezas nunca estiveram a favor do progresso comum dos povos NUNCA Mas isso sequer é novidade porque ter a mínima lucidez sobre os caminhos históricos e seus atalhos imprevisíveis ou fossos invisíveis não apresenta uma saída possível para o presente Por mais que se queira negar a ideia de uma saída Que não se queira buscá-la ou apenas aceitar a atual e compactuar com ela Os ideólogos do comunismo e do liberalismo apostam suas fichas em livros e teorias tal qual os cristãos na bíblia De tal modo que negam que as experiências históricas desses sistemas político-econômicos são a materialidade da qual podemos lançar mão tanto para revê-los quanto para negá-los criticá-los reengendrará-los e assim por diante Do mesmo modo a bíblia pode dizer isso e aquilo sobre o mundo ideal mas é a prática religiosa e seu morticínio histórico e recorrente que diz mais sobre deus do que as escrituras sagradas Risos É a experiência real que importa nesse campo da existência E se toda a cultura modernidade contemporaneidade é líquida então fazer dessa afirmação uma rocha é tão equivocado quanto negá-la

lamento o devaneio pueril como lamento ainda a fé frágil mas ainda fé em metanarrativas Ainda que se possa perscrutar os caminhos que levaram a um morticínio inimaginável para tentar evitar um processo futuro de mesma dimensão ou ainda maior O próximo holocausto pode inventar outras trilhas e se infiltrar onde antes se acreditava não haver fissuras Que trabalho ingrato esse do rebocador de paredes históricas

## **nota sobre o futuro**

*alteração no procedimento de tomada de depoimentos orais na fase de inquérito policial*

em 22 de setembro de 2022 a segunda turma do Supremo Tribunal Federal acatará por unanimidade de provimento a agravo regimental em que se discutia a necessidade de intimação prévia da defesa técnica do investigado para a tomada de depoimentos orais na fase de inquérito policial (IP) sob pena de nulidade. A decisão terá a relatoria do ministro Antônio Francisco Moura.

a decisão será tomada devido aos excessos cometidos e amplamente divulgados dos policiais durante esses inquéritos. Nas palavras do advogado Pedro da Costa Santos, o IP não pode ser visto como uma peça meramente inquisitorial, justamente porque o seu conteúdo é utilizado para balizar a acusação e, na maioria dos casos, inclusive a própria decisão condenatória. Havia muito o inquérito tinha deixado de ser um caderno meramente informativo que somente dava os rumos dos indícios para sustentar uma denúncia. O processo penal desse país havia dotado o inquérito policial de força probatória desproporcional logo a

não observação das garantias constitucionais que norteiam a ampla defesa no atual *status* conferido ao IP constituía grave nulidade diz a criminalista Virgínia Siqueira do escritório Siqueira & Cardoso Sociedade de Advogados

a alteração futura será um importante passo no resguardo da ampla defesa dos investigados e das testemunhas Os elementos colhidos no inquérito policial apesar de serem aptos somente a embasar a formação da *opinio delicti* do acusador acabavam também sendo utilizados para alicerçar condenações de tal modo que a presença do defensor a partir da alteração em curso garantirá a integridade do investigado e das testemunhas contra coações de qualquer natureza e manterá a coesão da estratégia defensiva desde o início Isso porque é justamente no IP que boa parte da prova técnica é produzida Essa proatividade interessa à sociedade interessa às testemunhas e ao investigado que poderá exercer a partir dessa mudança futura a ampla defesa em todas as etapas da produção probatória se como parecerá óbvio não será possível influenciar aquilo que se desconhece A aplicabilidade da inovação legislativa passará pela intimação prévia do advogado para o depoimento do investigado e

de testemunhas diante da autoridade policial Assim o único caminho para possibilitar a assistência técnica do investigado será intimar a defesa técnica do depoimento caso contrário o depoimento tomado torna-se-á nulo nos processos judiciais

# cena 4

**5 de abril de 1988**

Eu entendo a situação, Simone. É terrível para todo mundo. Mas é isso: para TODO MUNDO. É terrível para mim também. Escuta. Eu entendo perfeitamente, mas eu não posso salvar o mundo todo, não é mesmo? Eu não quero parecer cruel, mas é assim. Não é possível que em mais de vinte anos de ESCOLA SANTOS DUMONT vocês não tenham feito uma reserva de caixa. Lucro vocês tiveram, eu tenho certeza. Ah, sim, as reformas de ampliação do espaço, o ginásio coberto é maravilhoso. Os dois ateliês são ótimos também, apesar de lamentar todas as roupas manchadas



de tinta da minha menor. Estou sendo irônica, desculpe. É meu tipo de humor. Eu sei, Simone, que muita gente será demitida. Meu marido está sem trabalho e estamos agora enfurnados numa casinha do interior. É isso. Cozinhar, lavar, passar todos os dias para os meus três filhos. Não era essa a emancipação por qual tanto lutei. Claro que você não tem absolutamente nada a ver com isso, não é mesmo? Mas na mesma chave eu não tenho nada a ver com a vida dos professores que serão demitidos, se formos todos pensar desse jeito, não é mesmo? Eu quero ser solidária, veja, eu continuo pagando a diarista da minha casa e ela não está indo trabalhar. Claro, eu não sou tão desumana, Simone, mas também não sou demasiadamente humana. Você tem filhos? Que maravilha. E eles estudam no Santos Dumont? Os dois?, certíssimo! Com bolsa integral, imagino. Não, não sou contra não. Eu sempre apoiiei as bolsas integrais para os filhos dos funcionários. Todos. Inclusive enteados e até mesmo em outras situações. É importante essa diversidade para os nossos filhos. Sair um pouco da bolha, você não concorda? E quanto isso representa no total de alunos da escola?, uns cinco por cento, dez no

máximo? Tá certo, essa conta é uma bobagem. Mas veja, Simone, você nunca pagou por esse serviço. Eu pago para os meus três filhos... Tem um desconto, mas é coisa de quinze por cento, não é assim aquela Brastemp, né? Então, imagina você ter que pagar por uma coisa que você não usufrui. Ah, aula por vídeo, tipo telecurso, é isso? Eu pego o VHS na escola? Ah, vocês mandariam por correio... Mas aí não precisa ser do SANTOS DUMONT, pode ser do IUB mesmo! E, na verdade, acho que os professores nem vão saber lá muito bem como usar esse negócio de vídeoaula... Não é a praia deles, né? A gente vai ficando para trás no avanço do mundo, não é mesmo? Eu sei que a escola ainda vai deliberar sobre as mensalidades, eu vi o informativo. Mas eu não vou esperar não. Vamos tirar nossos filhos agora mesmo e quando a situação normalizar... Ela vai normalizar, o mundo já enfrentou inimigos muito piores e muito mais gente morreu nessas ocasiões... Desculpe, não tem nada a ver uma coisa com a outra. É isso, Simone. Me mande a documentação por correio... Pode ser o da minha casa mesmo... Semana que vem eu vou ter que voltar lá... Mas isso não tem pressa, não é mesmo? Nós pagamos

a mensalidade desse mês, o que já ficou bem puxado aqui para nós. E quando tudo voltar ao normal a gente entra em contato de novo com o Santos Dumont. E se não der para rematricular, paciência, escola não falta nesse mundo, né? Passar bem e boa sorte para nós.

# **cena 5**

**29 de abril de 1988**

Você foi o primeiro a chegar?

Fui sim senhor.

E quando foi isso?

Terça-feira...

Dia doze?

De abril?

Isso.

Acho que sim, doze de abril.

E estava sozinho?

Não. Eu já tinha avisado o meu irmão e o meu pai.  
E veio também meu cunhado e alguns amigos...

Quantos vocês eram?

Acho que uns doze, quinze... Não sei, porque foi chegando mais gente...

Mas foi você quem chegou primeiro?

Eu cheguei meio que junto com todo mundo, mas fui eu quem gritou para ele sair.

Você já chegou gritando?

Modo de dizer, o senhor sabe.

Eu preciso que você me diga.

Eu cheguei e gritei para ele sair... A gente não queria chegar perto... Estava todo mundo com medo.

E ele saiu?

Saiu sim. Perguntou quem eu era. Eu expliquei...

Explicou o quê?

Deixa o homem falar.

Estou deixando e já havia avisado que quem conduz as perguntas aqui sou eu.

Ok.

Então, você explicou o que para ele?

Eu perguntei se ele sabia das mortes...

Mas isso não é uma explicação, é uma pergunta.

Deixa o homem falar.

Silêncio, eu estou no comando aqui.

Ok.

Você perguntou das mortes... Quais mortes?

Como quais mortes? Já tinha morrido sei lá quantos... Uns doze, quinze...

Quem?

Quem o quê?

Quem tinha morrido?

Como quem?

Eu estou falando com o investigado. Eu já disse que...

Eu sei o que você disse, mas não precisa fazer papel de retardado... Você sabe muito bem que naquela altura já tinha morrido um bocado de gente.

Quem? Quantos? Eu quero saber dele. Me diga, você perguntou se a vítima...

Vítima?

O que mais ele seria?

Assassino, no mínimo.

Bem, ele está morto agora, é uma vítima até a palavra final do juiz.

Isso é uma piada.

É... Mas não tem ninguém rindo no final. Agora, me deixe seguir a conversa. Eu gosto de piadas bem contadas, com todos os detalhes. Você disse que perguntou para a futura vítima, melhor assim?, se ela sabia das mortes, certo?

Certo.

E eu perguntei quais mortes, certo?

Certo.



Então me diga, naquele dia, terça-feira, quantas pessoas já haviam morrido que você tinha conhecimento?

Eu já disse, umas doze, quinze...

Quem?

Como quem?

Quem eram essas doze, quinze pessoas mortas? Os nomes delas já me ajudariam.

Você só pode estar brincando.

Nomes, por favor?

Tem o filho da vizinha...

Da sua vizinha?

Não, da vizinha dele.

Você o conhecia?

Não.

Quem mais?

Os pais dela...

Dela quem?

Da vizinha.

Você os conhecia?

Não.

Ela só morava com os filhos e com a mãe. Mas, vá lá, duas pessoas até agora. Quem mais?

Aí o senhor me complica, eu não sei o nome de todo mundo.

Mas sabia que doze ou quinze pessoas haviam morrido entre três e doze de abril?

Foi o que a gente escutou...

Mas você não conhecia nenhum dos mortos?  
Nenhum parente, nenhum amigo próximo?

Até aquele dia, não.

E esses doze, quinze mortos, morreram do quê?

Da doença...

Claro. E depois?

Como assim?

Alguém da sua família ou amigo próximo morreu  
depois de vocês terem ido na casa dele?

Mas isso não tem a menor importância.

Isso quem decide sou eu. Morreu?

Não, graças a Deus.

A Deus?

Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão.

Não darás falso testemunho contra o teu próximo.

Vamos direto ao assunto. Para quem não gosta de piada, você está um pândego hoje.

Tudo bem. Você não conhecia nenhum morto até aquele momento, certo?

Conhecer de conhecimento próximo, não.

E o que a vítima respondeu?

Que vítima?

A futura... O homem que vocês foram atrás...

Ele perguntou quem eu era.

Ah, você não se apresentou, já foi gritando na cara da vítima...

Mas isso é um absurdo, você já está julgando...

Isso daqui não é um tribunal e nem eu sou um juiz. É uma delegacia de polícia e só quero entender

que merda aconteceu quando esses filhos da puta chegaram na casa da vítima... Vítimas, né, filho da puta. Vocês não pararam no primeiro.

Nenhuma palavra má saia da vossa boca, mas só a que for útil para a edificação, sempre que for possível, e benfazeja aos que ouvem.

Mas nenhum homem pode domar a língua. É um mal que não se pode refrear; está cheia de peçonha mortal. Com ela bendizemos a Deus, e com ela amaldiçoamos os homens. E agora já chega. Vocês não pararam no primeiro?

A mulher que veio atrás da gente.

Isso está errado.

Não quero queimar etapas. Eu sei o final da história. Eu quero o começo. A cronologia para mim é a chave para entender isso tudo. É assim no amor e na justiça. Nos dois casos a gente anda para trás. A partir da hora em questão, temos que ir à fonte, ao primeiro dia. Quem faz o interrogatório percorre o caminho ao contrário.

Depois que a vítima perguntou o seu nome, o que aconteceu?

Eu repeti se ele sabia dos mortos...

Claro. E depois?

Ele tentou chegar perto de mim, eu gritei para ele se afastar. Perguntei quando ele tinha chegado no sítio, ele disse o dia, daí meu irmão chegou...

Continue.

Meu irmão falou que as mortes começaram três ou quatro dias depois. Ninguém tinha morrido antes disso.

E como você sabe disso... Esquece. Continue.

Ele começou a gritar que estavam todos bem na casa dele. Meu irmão gritou que a filha dele tinha cuspidado no vizinho... Ele gritou que era mentira. Ninguém estava com febre havia sei lá quanto tempo. Todo mundo saudável. Chegou mais gente, perguntei de onde ele tinha vindo... Ele

disse que da capital... Ele repetia que estava bem, todo mundo estava bem. A mulher dele apareceu na janela e começou a gritar...

Começou a gritar, assim, sem mais nem menos? Vocês estavam conversando com o marido dela, não?

Estava todo mundo gritando e meu irmão chegou perto dele...

Por quê?

Não sei, foi muito rápido. Meu irmão estava mais nervoso... Daí ele empurrou meu irmão... E cagou tudo.

Foi muito mais do que uma cagada, não é mesmo?

Ninguém queria aquilo.

Ninguém? Vocês não se esforçaram muito para evitar, posso afirmar.

O que você quer dele, uma confissão?

Eu já tenho uma confissão, eu quero entender como chegamos até aqui, com três corpos irreconhecíveis no necrotério, um pré-adolescente numa cela para sua própria proteção e uma criança com trinta por cento do corpo queimado num hospital que se recusa a tratá-la.

A gente não queria machucar as crianças...

Claro, imagine se quisessem.

Saiu do controle.

Para dizer o mínimo.

Chega de sarcasmo. Por que ele empurrou o seu irmão?

Eu conduzo as perguntas.

Ok.

Pode responder.



O quê?

Por que a vítima empurrou o seu irmão?

Porque meu irmão tentou bater nele com uma pá...

Simples assim?

Quando ele empurrou o meu irmão eu fiquei maluco... Ele encostou no meu irmão... lá passar a doença para ele...

Como está o seu irmão agora?

Bem.

Sem febre?

Sim.

Sem manchas na pele?

Sim.

Não morreu então?

Não, mas está preso também.

Ele matou pelo menos...

Você não é juiz desse caso e havia mais de dez pessoas na ocasião.

Todos estão sendo investigados.

Eles estavam matando as pessoas da nossa cidade...

É uma doença que está fazendo isso.

Eles trouxeram a doença para cá.

Não dá para saber porque vocês espancaram o marido, a esposa e o filho mais velho...

A gente não queria machucar ninguém... O rapaz tentou salvar a mãe e não teve jeito...

Não teve jeito?... De não bater com a pá, a enxada, um pedaço de pau, o facão?... Eles implorando para viver e vocês batendo.

Isso está errado.

Está tudo errado.

Não, esse inquérito, está viciado.

Meu amigo, eu tenho três corpos... Corpos? Eu tenho três pedaços de carvão que um dia já foram seres humanos jogados no necrotério e nenhum médico quer tocar neles, e não consigo nenhum exame que confirme qualquer merda sobre eles...

A gente tacou fogo para matar a doença.

E queimaram a casa e o incêndio destruiu três sítios vizinhos.

Eu disse, saiu do controle.

NUNCA estive no controle. O controle não é você quem dá... É a porra da polícia, da justiça, dos médicos, caralho.

Eles não deviam ter vindo para nossa cidade.

Nossa cidade? Uai, você se mudou para cá outro dia. De onde você é?

Isso não importa agora.

Para o inferno com essa história de nossa cidade. Eu nasci aqui e nunca pensei que veria gente da NOSSA cidade matando homens, mulheres e crianças desse jeito.

Não matamos as crianças.

Não? O filho mais velho está um carvão como os pais. O outro se jogou no poço para escapar e a menina só não foi morta porque a vizinha entrou na casa já em chamas para salvá-la... E ainda teve que fugir com a menina no colo...

A vizinha em quem a menina tossiu?

Cala a boca. Isso é invenção.

É invenção também que o filho mais velho da vizinha morreu quatro dias depois que eles chegaram aqui?

Não... Ele morreu mesmo, mas não temos o resultado dos exames ainda para dizer do que ele morreu...

E precisa?

**xxx**

### **comentário sobre a cena 5**

quando a ação se desenvolve numa delegacia de polícia os clichês se sobressaem e a leitura fica deveras prejudicada O policial bom o policial mau o investigado e a condução das perguntas ou da conversa que parece revelar quem está certo ou quem está errado ou as contradições de todos os envolvidos de modo que os fatos objetivos se perdem em meandros mesquinhos do excesso de dramatização a que estamos acostumadxs O efeito turba não é novo e as mulheres já sofreram as piores torturas e mortes porque um desgraçado qualquer poderia jurar que se tratava de uma bruxa Não Esse caminho é repetido demais e a história da humanidade Essa palavra HUMANIDADE quantos morticínios se escondem em sua sombra Sim matamos em conjunto uma mulher uma bruxa endemoniada um negro uma travesti Faltariam

páginas para descrever todos esses episódios Não A humanidade não precisa de advogadx de defesa e a promotoria já cansou de suas acusações repetidas e incontestes O que move todo esse ódio Todo esse medo Será a empatia uma vacina de efeito restrito Não Esse comentário tampouco consegue alinhar todas as faces da sobrevivência da humanidade O horror do desconhecido é ainda horror E entre a sua vida e a minha a sua é menor e mais desprezível Eu não existo para ser parte de um futuro maior e quicá melhor A minha existência a minha individualidade é contra qualquer ideia de futuro da raça humana dos povos da HUMANIDADE Meu fracasso hoje não representa nenhum desejo de que no futuro fracassos como o meu sirvam de lição para uma vida melhor O futuro não existe Não quero ser parte de um processo de dor para que meus descendentes gozem no futuro Eu quero gozar agora Eu quero o meu quinhão de prazer e boa vida agora E se você me impede você precisa ser eliminadx Ok Parece radicalmente egoísta não é mesmo Só que a aparência é exatamente o que somos Quem está na posição de melhor julgar o certo e o errado Quem deve viver e quem deve morrer Não é possível ainda acreditar na ideia

que sejamos todxs iguais Não há nenhum capítulo na história da HUMANIDADE que possa defender essa afirmação covarde Desculpem-me amigxs o que queremos é sobreviver nem que isso signifique viver de julgar xs culpadx

## **Manifesto do movimento Pós-Cultura**

*publicado em janeiro de 1987 no jornal mensal do diretório acadêmico da Universidade de Varsóvia*

O mundo não acabou O mundo nunca começou O que chamamos mundo é a pacificação das forças da natureza

A cultura é a domesticação da mulher e do homem

Nenhuma religião é honesta

Só a natureza é honesta

A honestidade da natureza é anterior à existência da palavra

Acreditar no progresso da humanidade é questão de fé

Toda a fé é antinatural e colabora para a perpetuação do homem

Há bondade e altruísmo em todas as sociedades e são praticados por uma minoria de pessoas

Todo homem e mulher que age com bondade e altruísmo colabora para a manutenção do horror imposto pela maioria dos homens

O homem não tem gênero

A transexualidade é a principal força de destruição dos gêneros e dialeticamente é o



resgate dos gêneros por isso deve ser eliminada  
assim como qualquer outro gênero  
O gênero é uma prisão  
O sexo é uma prisão  
Destruir a prisão é uma prisão  
Raça é uma invenção do homem O homem é uma  
invenção do homem As invenções que dão prazer  
ao homem são destruidoras do próprio homem  
Fronteiras são alucinações coletivas  
O mais desprezível no homem é o patriotismo  
A humanidade não é o homem  
A humanidade não é a mulher  
A mulher não existe tanto quanto o homem  
Qualquer sistema econômico quer a perpetuação  
do homem sobre o homem  
Qualquer sistema político é antinatural e busca  
dar o poder ao homem  
A arte não tem utilidade  
A arte não tem inutilidade  
A arte está a serviço do homem  
A arte é bárbara A arte é mansa A arte é uma  
desculpa para a manutenção da cultura  
A natureza não é o homem A natureza não é a  
mulher A natureza não é artística A natureza não  
é deus A natureza não é econômica A natureza

não é política A natureza não pertence a nenhuma  
definição humana

A natureza do homem é antinatural

A cultura nunca será igualitária e usará sempre da  
linguagem para justificar sua desigualdade

A linguagem é o porrete da cultura

A arte é o escudo

A metafísica sua oração

O homem não será destruído por sua própria  
vontade

O homem destruirá o homem para seu próprio  
prazer

A natureza não é vingativa

A psicanálise é inimiga da natureza

O fim da humanidade será o triunfo da natureza

Na pós-cultura não haverá mais homens  
mulheres linguagem religião economia política  
psicanálise e arte

Felizmente não estaremos vivos para ver o triunfo  
desse manifesto

# **cena 6**

**5 de dezembro de 1988**

Medo. Acho que era isso.

Medo do quê?

De morrer.

Mas ninguém tinha morrido ainda. Não na sua família ou perto de você.

Como você sabe?

Na nossa cidade até agora só duas pessoas morreram em decorrência do contágio.

Só?

Mas... Não é possível. E a família Carvalho?

Você os conhece?

Não de amizade, mas a gente escutou falar.

Estão todos bem.

Não é possível.

É sim.

Quem morreu?

Vítima da doença?

Sim.

Antônio Silvério dos Santos e Berenice Souza e Lima. Você os conhece?

Acho que não. De nome, não. E o padre?

Qual?

Da igreja Nossa Senhora das Dores.

Está viajando.

Não é possível. Você está mentindo.

Por que estaria?

E o filho da vizinha? O primeiro a morrer.

Assassinado.

O quê?

Isso, assassinado. Ainda estão investigando.

Parece que o rapaz era homossexual.

O quê?

Não vem ao caso, mas acreditam que ele foi assassinado por isso. Estrangulado ou algo assim...

Ele era viado?

Não importa.

Mas isso não é doença...

Não e não importa. O filho da vizinha não foi a primeira vítima do contágio.

Então a família... Não é possível.

É possível. É o mais provável.

O que você quer de mim?

Conversar... Ouvir quem participou do... Não sei como chamar. Como você chama?

O quê?

O que vocês fizeram com a família da capital?

Não sei... Vingança?

Pelo quê?

Trazer a doença para nossa cidade.

Você agiu por vingança ou medo?

Medo. Acho. Foi o que eu disse.

Você tem filhos?

Quatro.

Você é casado?

Há dezoito anos.

Casou cedo...

Dezesseis anos.

Qual a idade dos seus filhos?

O mais velho tem quatorze... Doze, nove e o mais novo tem quatro anos.

Eles vêm te visitar?

Eu pedi para minha esposa não trazê-los aqui.  
Não quero.

Por quê?

Porque eu não quero que eles vejam esse lugar...  
Que me vejam aqui...

Numa cadeia?

Isso... Na verdade não quero que ninguém  
apareça... Quero ficar sozinho...

Há quanto tempo você está aqui?

Sete meses, acho. Depois de algumas semanas o  
tempo não importa mais.

O que está esperando?

Não sei. O advogado não aparece muito e  
pelo que entendo ainda estão em fase de  
investigação...

Já tinha matado alguém?



Não sei se quero conversar...

Desculpe... Eu estou escrevendo uma matéria para o jornal. Não vou citar o seu nome... Só o das vítimas... Estou perguntando...

Eu já sei. Eu nunca tinha matado ninguém. Nem animal, nem nada.

Você estudou até que série?

Fiz colégio técnico em mecânica.

Segundo grau completo?

Sim.

Trabalha como mecânico, certo?

Minha oficina fica no largo São João, aprendi tudo com o meu tio.

Ele também estava naquela noite?

Sim.

O que você fez?

Matei a esposa... Não só eu... Mas eu separei a cabeça do corpo...

Como?

Com uma enxada.

O que sentiu?

Na hora? Não sei... Não lembro...

Desculpe insistir... Mas você lembra de pegar uma enxada e cortar o pescoço da mulher... Imagino que foram várias enxadadas...

Sete.

Sete... E o que você pensava?

O quão duro é o osso.

Ela já estava morta?

Não sei... Não gritava mais. Tinha muito sangue no rosto... Eu não acreditava nela.

Como assim?

Ela gritava que estava bem... Que eles estavam bem... Que não tinham doença nenhuma... Eu vou embora... Ela gritava... Nós vamos embora agora, nos deixe ir embora agora e pronto.

E por que vocês não deixaram eles irem embora?

Alguém gritou que era tarde demais... O filho da vizinha já estava morto... Mais o padre, o cunhado do rapaz que trabalhava no Bar do Seu Perdão... Ela gritava que não era culpa deles...

E o filho?

Foi nessa hora que ele veio para cima da gente... Com um pedaço de pau... Eu dei um chute nas costas dele. Ele caiu... Eu chutei... Eu estava com ódio... Ódio daquele rapaz...

Ele tinha a idade do seu filho mais velho.

Eu queria me defender... Ele estava com um pedaço de madeira...

Você disse que o chutou nas costas... Você veio por trás então...

Sim, mas ele podia... Chega, eu não consigo falar disso.

Você se arrepende?

Do que isso me serve agora?

Não sei.

Então escreve na sua reportagem que eu me arrependo, que eu não queria matar ninguém... Que eu sofri ao ver a casa pegando fogo e a menina gritando lá dentro... Que eu peço perdão e que não era a intenção de ninguém que aquilo acontecesse... Mas isso não é verdade... Entende? Não é verdade. Eles passaram na minha casa, estava todo mundo com medo, com raiva e...

Excitados?

O quê? A gente queria proteger a nossa família, os nossos amigos... A nossa cidade.

Você se arrepende?

Eu já falei... Coloca na sua escrita que sim, mas eu não sei o que significa isso: arrependimento. Quer dizer que eu não faria de novo? Mas não existe isso de novo... Não existe isso de voltar atrás. Ele está morto, e também a esposa e o filho mais velho que tem a idade do meu filho, não é isso que você quer? Criar uma comparação... Um pai de família sem coração, sem remorso? Eles estão mortos e meu arrependimento é nada... Já aconteceu e te digo, vai acontecer de novo... Se não eu, outra pessoa.

Por que você acha isso?

Porque acontece. Eu nunca pensei em matar alguém, nunca tive arma em casa, nunca bati nos meus filhos e não por falta de vontade... Sempre fui da paz e hoje carrego a morte de três pessoas nas costas e duas outras que estão vivas, mas a vida delas foi destruída... Elas nunca mais serão felizes...

Você será?

Não sei... E dizer que estou arrependido serve pra quê? Para deixar alguém feliz?

Não sei... Alguma reparação pelo menos.

Reparar o quê? Eles não deveriam ter vindo para nossa cidade. É possível voltar atrás? Não... Será que arrependimento ajuda nessas horas? Todo mundo tem sua parcela de culpa...

Inclusive os assassinados?

Especialmente eles. Aposto que se arrependeram de vir para cá... Eu tenho certeza de que minutos antes de tudo acontecer eles se arrependeram... E daí? Serviu para quê? Então escreve que eu estou arrependido. As pessoas vão se sentir melhor...

Você pediria desculpas aos dois filhos que sobreviveram?

Não. O que adiantaria? Não há desculpa para o que é irreversível.

**xxx**

**comentário indiscriminado**

por motivos desconhecidos a matéria citada na cena acima não foi publicada no jornal local O diálogo em questão fez parte de um livro lançado pelo jornalista cinco anos depois dos crimes. Poucas pessoas adquiriram um exemplar do livro.

# **cena 7**

**1 de maio de 1991**

É uma encruzilhada. É isso. É isso e fim.

Não sei o que pensar...

Pois é... Já faz algum tempo que vivemos essa verdade: não saber o que pensar.

Ele quer a guarda dos filhos?

Nós já temos a guarda dos dois...

Desculpe, eles não são seus filhos?



Não. Ah, perdão, achei que você soubesse...

Eles são filhos do irmão dela...

E da minha cunhada.

Sim, aquela “megera”!

Por favor.

Desculpe. Que Deus a tenha.

Ainda estou um pouco perdida...

Vamos lá... Ela adotou o sobrinho e a sobrinha.

Adotou é modo de dizer, assumi a  
responsabilidade pelos dois depois que os pais  
morreram...

Nossa, que difícil.

Eles foram assassinados... Uma história terrível  
dentro dessa vida terrível que insistimos em viver.

O irmão mais velho também foi morto...

Horror...

É sempre duro reviver os detalhes...

Desculpe...

A menina, a mais nova, sofreu com queimaduras mal tratadas e o menino quebrou um braço, mas hoje está ótimo...

Ótimo?

Modo de dizer... Com tudo que passou, está relativamente normal.

São seus sobrinhos?

Isso. Meu irmão mais novo...

Que idade os dois têm?

A menina está com nove e o menino vai fazer treze...

Um rapaz já...

É...

Vocês se dão bem?

Na medida do possível.

Não foi fácil para ninguém.

Imagino.

Para eles foi pior...

Sem dúvida.

Eles ficaram presos na cidade onde os pais e o irmão foram mortos. Eles corriam risco da população matá-los... O menino preso numa cela, os policiais não chegavam perto... A menina no hospital, os médicos nem as enfermeiras chegavam perto...

Eu custo a acreditar...

A gente vive uma ilusão, uma falsa ideia de solidariedade... Não pense que isso aconteceu porque era coisa de cidade do interior não... Meus pais não foram buscar os netos.

O quê?

Fizeram como toda a gente, ficaram como medo do contágio. Medo de morrer.

O meu cunhado também não quis buscá-los. Ele morava com a sogra e...

Medo. Todos com medo e duas crianças isoladas numa cidade estranha...

Com os pais assassinados... Tudo tão surreal.

Deus...

Nem o padre ajudou.

Como assim?

Eu só fiquei sabendo das mortes e dos meus sobrinhos sozinhos quase um mês depois... Minha mãe me ligou... Eu estava morando em outro país... Estudando... Meu namorado... Marido...

Ex-marido.

Ex, isso. Parece décadas e não são.

E eu não conseguia achar um voo para voltar...

E seus sobrinhos?

Continuaram no hospital e na cela isolada... Era melhor para eles... Eu consegui falar com uma enfermeira que se mostrou mais...

Humana?

É... E cuidou da minha sobrinha com mais atenção durante as semanas que passaram até eu conseguir ir buscá-la. E meu sobrinho...

Preso?

Isso... Mas o delegado era, como se diz?, gente boa. Era mesmo e conseguiu alguns gibis e melhorou a comida... Ele insistia que a cela era mais segura do que um quarto de orfanato...

E o padre?

Não quis ajudar... Disse que era velho e que podia espalhar a doença entre os frequentadores da igreja... Que deus tinha um plano... Essas merdas todas, disse que ia orar por eles e por mim...

Espero que tenha mandado ele enfiar a oração no rabo...

Disse apenas para ele orar pela covardia dele...

Eu não consigo acreditar...

Acredite. Nós somos assim. Eu conheço os pais dela. Um casal amoroso e simpático... Até surgir o medo de morrer... O desconhecido... Não foram ver os netos. Não foram resgatá-los.

E, quando consegui buscar os meus sobrinhos, meus pais não vieram me visitar. Eles tinham medo... Os vizinhos deles tinham medo... Eram “as crianças contagiosas”... Nem os amigos, a escola...

Por quê?

Eu queria acreditar que era por ignorância... Mas não é só... É também, mas é mais do que isso. Meus pais são estudados, viajados... A escola das crianças era progressista...

O que significa essa merda de progressista hoje?

Nada. Ficou tudo escancarado. Claro, muita gente ajudou... Muito médico na linha de frente... Mas uma cidade inteira contra duas crianças... Não dá para entender.

Antes fosse um caso isolado.

É... Antes fosse.

Você acha que criança é gente?

Como assim, gente?

Gente.

Gente como a gente? Não... Depende... Não, acho que não.

Foi o que descobri... Eu que não tinha filhos e nem planos de ter... Descobri que criança não é gente. É outra coisa... Qualquer um pode dizer que não gosta de crianças e tudo bem, sabe?

Como eles estão hoje?

Numa encruzilhada, de novo. Eu fiquei com eles... Meu marido...

Ex...

Ele quem mais apoiou a ideia... Foi lindo. É lindo, até hoje. Voltamos do exterior para cuidar deles... E mudou a minha vida... Me fez sofrer muito também... Eu não era tão próxima deles...

E nem muito amiga da sua irmã... Aquela...



Também... Coitada. Eu sou a tia bacana e meu ex é um paizão... Não é tio, é pai mesmo.

Que loucura... Quer dizer, que bonito, de algum modo.

Sim... Não dá para explicar tudo e nossas vidas não merecem o tempo que gastamos fazendo planos...

E agora vocês estão separados.

É essa a encruzilhada. O amor não respeita momentos difíceis nem é muito dado às regras sociais...

Você? Ele?...

Mais eu do que ele... Não o amo mais... Mas isso é detalhe... Nunca me apeguei a essas definições sobre amor... Estávamos juntos e foi importante e fizemos uma ação que nunca pensei que ele faria... Nem eu... Enfim... Mas agora isso não é bom... E não transamos mais... E eu gosto de sexo... E eu gosto de transar com pessoas que eu gosto...

Você está transando?

Agora? Não... Não gosto de ninguém e estou nesse novo furacão. Ele vai voltar para o país dele...

Complicado.

É... Mais... Ele quer levar os dois.

O quê?

Sim... E não está de todo errado... Eles amam o Jean... O Jean os ama...

Mas ele não é o pai...

E isso importa nesse momento? Eu também não sou a mãe...

Mas tem familiaridade... O sangue...

Grande merda isso... Ele ama mais os dois do que eu, tenho certeza.

Mas...

Sim... Mas... Ele vai voltar para o país dele... Lá ainda é foco de contágio... A cidade dele ainda está isolada... Parece que essa doença nunca terá fim... Tanta coisa...

E ele pode voltar mesmo assim?

Pode, é cidadão... Vai ficar em quarentena quando chegar...

E as crianças também...

Se elas forem...

Elas não podem ir.

Não?

Não sei...

O que elas pensam disso tudo?

Elas ainda não sabem direito... Mas elas podem decidir sobre isso?

Você acha que criança pode decidir alguma coisa?

Não sei... Talvez possa decidir coisa de criança, pode ser?

Por exemplo?

Ah, que roupa vestir, quando ir no banheiro... Qual brincadeira ou jogo... Sei lá, essas coisas. Mas não se quer ir morar num outro país com um novo pai que nem é pai de verdade...

E a gente pode decidir isso por elas?

Eu prefiro não opinar.

Pois é... Quem prefere? Daí elas vão deixando de ser gente, né? E ao mesmo tempo usamos elas para todo tipo de desculpas...

Jean disse que vai entrar na justiça se eu negar... E eu nem sei se posso negar... Legalmente falando.

Seus pais, o que acham disso?

Eu nunca mais falei com os meus pais depois que busquei os meus sobrinhos...

Faz sentido...

Existe o sangue... Mas existe um outro elo que, quando quebrado, faz o sangue coalhar... Meus pais viraram estranhos para mim e acho que eles também passaram por isso... Toda essa tragédia não deixou nenhum alicerce da família em pé... Que merda é isso, família?

Uma ilha da fantasia...

E de perversão também...

Bem, os meus sobrinhos nunca foram muito próximos dos avôs... Cada um de nós morou numa cidade distante... Sei lá... Prevenção?!

Culpa?

Do quê?

Não quero fazer o caminho inverso... Não sei se quero olhar para as raízes o tempo inteiro... Eu queria às vezes acreditar que a palavra simples carrega algum tipo de verdade.

Ele parte quando?

Meu ex? Quando a gente resolver quem vai e quem fica...

A tal encruzilhada.

E eu sei que qualquer escolha vai definir todo o futuro.

Sim.

E eu odeio ter que agir como se soubesse o que estou fazendo. E parece que todos, meu ex, meus sobrinhos, até eu mesma, esperamos isso de mim. Inferno.

Pelo menos seus sobrinhos já foram infectados...  
Esse risco eles não correriam no exterior.

Por que você diz isso? Eles nunca foram  
contaminados. Os dois foram testados depois que  
saíram da cidade e deu negativo, as três vezes.

**xxx**

### **comentário indiscriminado**

Thomas Mann perguntou certa vez se toda a aparência até a mais bela justamente a mais bela não se transformou nos dias de hoje em mentira Uma especulação moderna sem dúvida disfarçada em alguma fala ou reflexão infinita de algum dos seus personagens Mann afirmava que toda obra de arte era trabalho Trabalho artístico em prol da aparência Mas isso já não era suficiente ou pelo menos x artista deveria se perguntar em frente a uma consciência atual um conhecimento alargado senso de verdade se tal ideia de preservação da aparência era lícita O mundo se revelando como nada mais do que uma merda completa e a arte ou melhor xs artistas e seus trabalhos insistindo na tentativa de mascarar a merda ou ignorá-la ou nunca lhe rendendo a devida atenção Então O que eram essxs

artistas Para que trabalhavam Ou para quem Será mesmo que para ser artista é preciso ser irmão. ou dx criminoso ou dx demente como soprou o diabo Essas especulações hoje também não soariam equivocadas ou românticas Para que raios a arte precisa prestar qualquer satisfação à filosofia ou às ciências sociais políticas psicológicas Está tudo entrelaçado Ou não está Ou nos divertimos seriamente com esses assuntos enquanto o mundo continua uma merda Uma obra bela porém alienada do seu tempo ou bela justamente por entender o seu tempo e dele se afastar ou bela por ser o reflexo do seu tempo e na sua aparência não ser nada mais do que merda Quanto mais distante da vida mais bela é a obra de arte Quanto mais próxima menos obra de arte ela é

**xxx**

### **comentário sobre a cena 7**

ficamos esperando ansiosamente pelo dia em que não agir nos levaria mais longe Frases de efeito uma prática castigada pelo tempo e abduzida pela autoajuda onipresente Axiomas são formas peculiares de manipulação da complexidade com a brevidade das palavras Nada disso talvez esteja



em jogo aqui Minha terapeuta me aconselhou uma espécie de sinceridade Estou citando-a literalmente “espécie de sinceridade” dos meus atos Das minhas palavras Até mesmo das palavras escritas Eu ri e ela entendeu que era o momento de encerrar a sessão Eu poderia dizer que ela sabia que eu iria pensar muito sobre a impossibilidade de alguma “espécie de sinceridade” das minhas ações ou palavras uma vez que tudo é linguagem tudo é desonesto e manipulado E minha manipulação dessa conversa seria o desejo alcançado da terapeuta e essa minha conclusão seria imediatamente descartada porque era óbvia e a minha terapeuta não agia por esse caminho e até mesmo o meu riso era insincero Calculado para ser mais honesto Eu sabia que o riso encerraria a sessão e ela sabia que eu queria isso Ela sempre iniciava a conversa com esse tipo de abordagem Por que você insiste em querer o fim quando ainda estamos no meio Eu sempre pensei Nunca disse mas pensei que ninguém sabe como será o futuro Adivinhxs profetas videntes e economistas são gente da pior estirpe Párias Ninguém sabe como será o futuro e por isso só me resta acreditar nas ferramentas do passado e do presente A chave do presente está na cronologia

Hoje é o resultado de todas as horas precedentes e fonte das futuras Não existe ação separada das outras Sempre estão ligadas da primeira a todas as seguintes Minha terapeuta teria que conhecer toda a minha vida desde a infância até hoje para ter o direito de me julgar É isso Ela sempre soube que eu repudiava a ideia de acreditar em histórias edificantes e por isso silenciava Raramente falava Uma vez disse “Essa impossibilidade não te pertence nem às suas histórias”

A cena acima foi escrita um pouco depois da última sessão que fizemos Não comuniquei que iria parar de vê-la e não paguei as duas últimas sessões Estranhamente ela não me ligou nem me escreveu

**fim**

*abril de 2020*





Copyright © 2021 by Carlos Canhameiro

EDIÇÃO: João Correia Filho

CAPA E PROJETO GRÁFICO: Vitor Borysow

PREPARAÇÃO E REVISÃO: Fabiana Biscaro

IMAGEM DE CAPA: montagem a partir de *Tabela sinótica de traços fisionômicos* (Alphonse Bertillon, 1909)

FONTE: [www.publicdomainreview.org](http://www.publicdomainreview.org)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Canhameiro, Carlos

xs culpadx / Carlos Canhameiro. -- Bauru, SP : Mireveja,  
2021.

80 p.

ISBN 978-65-86638-18-9

1. Teatro brasileiro I. Título

21-5146

CDD B869.2

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro brasileiro

Todos os direitos desta edição reservados a

Mireveja Editora Ltda.

Rua Maria Cecília de Oliveira Maciel, 1-13

Jd. Colonial - Bauru-SP - CEP 17047-625

Fone: (14) 99148 0190

[www.editoramireveja.com](http://www.editoramireveja.com)



**PROAC**  
PROGRAMA DE  
AÇÃO CULTURAL  
SÃO PAULO  
**LAB**

**SÃO  
PAULO**  
GOVERNO DO ESTADO

Secretaria de  
Cultura e Economia Criativa

SECRETARIA ESPECIAL DA  
**CULTURA**  
MINISTÉRIO DO  
**TURISMO**

**PÁTRIA AMADA  
BRASIL**  
GOVERNO FEDERAL

Esta obra foi composta com a fonte  
Gotham em papel Pólen Soft para a  
Editora Mireveja